

O REINO DE GONÇALO M. TAVARES E AVOZ DOS SILENCIADOS NO ESPAÇO DA GUERRA

Sandra Beatriz Salenave de Brito¹

Resumo: O presente trabalho analisa O Reino de Gonçalo M. Tavares em seu cenário de guerra, resgatando a importância das vozes silenciadas nas ações verídicas e literárias, focalizando o papel das mulheres e dos loucos no desenrolar da tetralogia. Neste sentido, a memória e a ponderação são fundamentais para que o homem aprenda a lidar com o seu lado inculto diante de situações extremas. A cultura e o progresso também podem animalizar os indivíduos, e para que isso não ocorra, a literatura assume a função de contribuir para a reflexão sobre o comportamento humano diante do medo e do poder.

Palavras-Chave: Espaço de Guerra. Memória. O Reino.

THE KINGDOM OF GONÇALO M. TAVARES AND THE VOICE SILENCED IN SPACE OF WAR

Abstract: This paper analyzes the Kingdom of Gonçalo M. Tavares in his scenary of war, rescuing the importance of the silenced voices in true and literary actions, focusing on the role of women and crazy in the course of the tetralogy. In this sense, memory and weighing are critical to that man learns to deal with his side uneducated before extreme situations. The culture and progress can also animalize individuals, and that it does not, the literature assumes the function of contributing to the reflection on human behavior in the face of fear and power.

Keywords: Memory. The United. War space.

¹ Doutoranda em Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense (IFSul). Endereço eletrônico: sandradebrito@yahoo.com.br.

Os livros pretos tavianos

Gonçalo M. Tavares publicou seu primeiro livro em 2001, e com sua extensa e apreciada obra (mais de trinta títulos), ultrapassou as fronteiras geográficas portuguesas, com livros editados e premiados em inúmeros países. É um escritor que utiliza diferentes gêneros, conforme a sua própria classificação: o *Reino*, o *Bairro*, canções, epopeia, enciclopédia, bloom books, poemas, teatro, short movies, atlas, etc.

Genialidade reconhecida por Saramago ao referir-se a *Jerusalém* em 2005, na entrega do prêmio que leva o seu nome: “Um grande livro, que pertence à grande literatura ocidental. Gonçalo M. Tavares não tem o direito de escrever tão bem com apenas 35 anos. Dá vontade de lhe bater” (VICTOR, 2010).

O presente trabalho analisa a tetralogia *O Reino*, também conhecida como “Livros Pretos”, composta por *Um Homem Klaus Klump* (publicado em Portugal em 2003), *A máquina de Joseph Walser* (publicado em Portugal em 2004), *Jerusalém* (também publicado em Portugal em 2004) e *Aprender a rezar na Era da Técnica* (publicado em Portugal em 2007) em relação à memória e ao espaço biográfico, a partir da subjetividade dos sujeitos após duas guerras mundiais. A escolha por trabalhar estes aspectos na tetralogia como uma unidade parte da declaração do próprio Tavares que é a lógica de um único livro que compõe *O Reino*.

Essa série tem o objetivo de desencantar, não busca um prazer estético, e sim um estímulo à reflexão do leitor, como uma provocação que incomoda e exige uma reação, ao retratar cenas inesperadas de violência, que evidenciam a ameaça e a falta de proteção. Os dois primeiros romances desta série (*Klaus Klump* e *A máquina de Joseph Walser*) estão centrados no acontecimento da guerra, enquanto os demais

ocorrem após este evento, que deixou suas marcas na narrativa e nos personagens.

Em entrevista à Folha de São Paulo (VICTOR, 2010), Gonçalo Tavares nega que sua tetralogia retrate a descrença na humanidade, pois compreende que a maldade e a bondade são elementos inerentes a todo ser humano, como dois motores em funcionamento. O escritor alerta para a necessidade da reflexão sobre a natureza humana, que não é binária, bons que se opõem aos maus. As ações devem ser pensadas a partir de sua complexidade, abrangendo múltiplos ângulos de análise, visto que estes elementos se encontram misturados e, diante de um olhar mais minucioso, o lado animalesco e incivilizado pode emergir, principalmente nas situações limite que propõe o escritor.

Da mesma forma, Nietzsche em *A Genealogia da Moral* (2009), nega a polarização entre “o bem e o mal”, pois ambos contribuem para o desenvolvimento humano, sendoerrôneo conceituar o bem como algo positivo e cultivado, e o mal como negativo e reprimido. O filósofo alemão alerta para a necessidade de saber utilizar, da maneira mais adequada ao convívio, essas duas forças existentes. A obra tavariana possibilita a reflexão sobre o individual e o coletivo, sem buscar respostas únicas que reduzam essa complexidade, pois a verdade e a moral são apresentadas de maneira dúbia e multiforme.

A memória da barbárie preservada pela literatura

Tavares busca diluir as fronteiras entre a ficção e a não ficção, já que a arte pode provocar a mudança a partir de dentro (MELLO, 2010) Em sua tetralogia, o autor relata um passado de guerra e de trauma interpretado à luz do presente, híbrido, cúmplice, registrado e contestado, como um diálogo ainda em andamento.

Em suma, Gonçalo critica a sociedade capitalista, burguesa, informacional, pós-industrial através das situações que instauram o medo, como a loucura e a fragilidade. Ao sentir-se acuado, outra faceta se revela, não é um novo ângulo, mas um aspecto que estava encoberto pelo desconhecimento. E ainda que, diante do mesmo contexto, as (re)ações sejam diversas, a obra tavariana experimenta uma percepção lúcida e feroz do comportamento humano.

Adorno (1973) defende que estaria na educação a responsabilidade de que experiências como Auschwitz jamais voltem a acontecer, e de certa forma, comunga com o conceito freudiano (2012) que revela a cultura como adestradora do impulso humano, que permanece aparentemente invisível. A reflexão a partir do conflito existente entre a cultura e o desejo é que leva à consciência do que pode ou não ser praticado segundo uma aceitação social.

Como alerta Bauman (1998), enquanto as condições que tornaram as atrocidades da Segunda Guerra Mundial possível se mantiverem vivas, a possibilidade de uma nova barbárie ainda existe. "Na pior das hipóteses, o holocausto é atribuído a uma predisposição 'natural', primitiva e culturalmente inextinguível da espécie humana" (BAUMAN, 1998, p. 20).

Os horrores causados carregam consigo a lembrança assombrada por feridas jamais cicatrizadas. Mas o que Tavares em sua tetralogia evidencia é que não devemos interpretar o fato de maneira simplista, em que os crimes horrendos foram cometidos por assassinos loucos contra vítimas indefesas. O instinto da destruição está presente e silencioso e, por isso, deve ser analisado, na investigação do eu e do outro, para que não avance. O discernimento de que, em circunstâncias excepcionais, qualquer um pode praticar atos terríveis e inesperados, traz a necessidade do autoconhecimento para evitar a ilusão da ininterrupta bondade humana.

E o que eu gostaria é que esses livros servissem para que os leitores percebessem melhor o funcionamento dos seus motores, soubessem como é que se pode reduzir a velocidade do motor da maldade que nós temos, como é que se pode travá-lo, como é que se pode desviar a aplicação da sua força. Acho que isso é muito mais útil do que partir da ideia, errada, de que somos bons, feitos de outra massa que não a igual a daquelas pessoas terríveis. Acho que isso é que é perigoso: se nós assumirmos que nunca iremos praticar uma maldade... São as pessoas que assumem isso que mais rapidamente entram em atos absolutamente terríveis (VICTOR, 2010).

A barbárie não foi um fenômeno equivocado no curso normal da história, e sim a realização tecnológica de uma sociedade industrial e burocrática, através da corrupção moral dos fatos, refletindo um progresso obscuro. “O Holocausto nasceu e foi executado na nossa sociedade moderna e racional, em nosso alto estágio de civilização e no do desenvolvimento cultural humano e por essa razão é um problema dessa sociedade, dessa civilização e cultura” (BAUMAN, 2008, p. 12). Daí a importância de compreender o presente como o intermédio entre a memória e a mudança.

E entre todas as artes, Tavares elege a literatura como a maior responsável pelo estímulo da reflexão, permitindo a pausa diante de uma frase impactante, em que o leitor é impulsionado a repensar toda a sua existência. “Como se constrói um muro no tempo? Como se tapa na cabeça das pessoas aquilo que aconteceu?” (TAVARES, 2007, p. 26).

O espaço biográfico

Tavares traça um paralelo entre a realidade e a ficção, em que os dados são reinterpretados e reescritos em um tempo e um local ressignificados. Frente a múltiplas verdades vividas pelos personagens, as respostas são provisórias e contestáveis, e nem sempre há uma separação possível entre

a ordem e o caos. O sofrimento da guerra não é vivenciado individualmente pelo escritor Gonçalo Tavares, mas pode ser considerado biográfico enquanto representante da memória coletiva: “Sou um escritor pós-Auschwitz. Tenho a consciência do que aconteceu” (FARIA, 2009, p. 1).

Seligmann-Silva (2006) enfatiza que todo produto da cultura pode ser percebido enquanto temática testemunhal, visto que a leitura agrega traços do real no universo cultural. Também evidencia a necessidade de retratar literariamente os tipos sociais marginalizados e a realidade do homem no universo do crime. E sob esta perspectiva, a tetralogia tavariana pode ser percebida como o produto de um não-sobrevivente que ocupa-se com a memória do horror.

Em *O Reino*, o espaço ocupado por uma população é reivindicado como território por outra e somente a disputa poderá determinar esta ocupação. “O país está inacabado como uma escultura: vê a geografia de um país: falta-lhe o terreno, escultura inacabada: invade o país vizinho para finalizar a escultura” (TAVARES, 2007, p. 7). Neste cenário da guerra, sem a definição de um local específico, que remete a qualquer lugar, ou a todos os lugares ocorre a transfiguração da realidade histórica de diversas guerras para a recriação literária. “Os tanques entravam na cidade. O som militar entrava na cidade e a música calma escondia-se na cidade.” (Idem, p. 8). O inimigo transforma o ambiente, invade as ruas com os nomes dos heróis locais, despreza e agride os habitantes.

E com o passar dos dias, a destruição invade o cotidiano dos personagens: “Ninguém toca num cavalo morto que está na rua há mais de uma semana. [...] Está no meio da rua, já não passam carros, já não passam casais simpáticos de sombrinha na mão” (Ibidem, p. 26). O espaço, o tempo, os personagens e as ações estão impregnados de negligência e deterioração. “Os cadáveres colocavam-se em sítios altos para que os inimigos os vissem bem. [...] Os cadáveres expostos assustam mais que os tanques.” (Idem, p. 55). Desse mo-

do, as cicatrizes dos sobreviventes nem sempre são perceptíveis aos olhos do outro, muitas vezes estão guardadas na mente e nas emoções.

Ao longo da narrativa, há poucos elementos do espaço físico: as residências dos personagens, a prisão, a igreja, a escola, o hospício, a mata, a fábrica, o hospital, a rua do cavalo morto, a sede do partido. O foco não está no local onde as ações se realizam, mas nas marcas que o combate imprime. Cidade e campo, doentes e sãos, perseguidores e perseguidos, a crueldade e o sofrimento, o eu e o outro, tudo se complementa e se entrelaça em uma realidade difusa e nebulosa. Os antigos proprietários agora são os fugitivos e amanhã poderão ser os algozes de outros.

Narrativa europeia?

Como já foi referido anteriormente, em nenhum momento é nomeado o espaço em que se passa a narrativa, como uma estratégia do narrador que privilegia frases curtas que golpeiam o leitor com violência, tanto em relação às cenas quanto ao método de narrar, brusco, frio, indiferente.

No entanto, uma “pista” situa os fatos na Europa. Em *Jerusalém*, o Dr. Theodor Busbeck, desenvolve uma pesquisa que investigava a violência ao longo da História, buscando conhecê-la, limitá-la, predeterminá-la e contê-la. Em seus estudos, observa atentamente o catálogo “Europa 2”. Além da coincidência do número que pode referir-se à Segunda Guerra Mundial, há a descrição de cenas de suplício: “seis milhões de seres humanos foram arrastados para a morte sem terem a possibilidade de se defender e, mais ainda, na maior parte dos casos, sem suspeitarem do que lhes estava a acontecer. O método utilizado foi a intensificação do terror” (TAVARES, 2011, p. 128).

E assim segue uma narração minuciosa em que ficção e Histórias se fundem. Isolamento e punição: “Quem comete

um erro é excluído: é fechado dentro de uma caixa” (TAVARES, 2011, p. 116). Exclusão da autonomia e privação da liberdade: “Não podes sair dali, e ninguém pode entrar” (TAVARES, 2011, p. 117). Perda da individualidade, agora cada um se transforma em um número, mais um na multidão: “Só depois de fazerem o registo é que podes sair do teu espaço privado. Para algumas pessoas o Estado Registo pode demorar dez minutos e para outras dez dias” (TAVARES, 2011, p. 117). A angústia só aumenta e o tempo não passa: “Podes ficar dias sem sair do teu espaço. À espera. Quando passa muito tempo e já ouves os outros nos corredores comuns, ganhas ansiedade. Pensas que te esqueceram” (TAVARES, 2011, p. 117). Transformação do sujeito em objeto de estudo: “Registam o teu corpo, as medidas exteriores. Levam amostras de tudo o que ele produz e também registam as tuas coisas, contabilizam os objectos do teu espaço. Tiram fotografias de diferentes pontos” (TAVARES, 2011, p. 117). Roubo da dignidade. “Os exames médicos são feitos em sítios públicos” (TAVARES, 2011, p. 119). E não importa a ação, ou a falta dela, o destino é apenas um. “Podes cumprir as regras com exactidão mas, num determinado momento, eles apresentam um pequeno documento-lei, e então percebes: vais ser morto” (TAVARES, 2011, p. 118). E por fim, o algoz ainda terá razão: “O que fazem é aleatório, mas nunca ilegal. Primeiro mostram a lei, o documento que determina a acção. Ninguém resiste. As pessoas aceitam a lei. Se não, seria pior” (TAVARES, 2011, p. 118).

Os estudos de Theodor descrevem os horrores do Holocausto, a tortura, o isolamento, os assassinatos coletivos, conclui que, durante a guerra, o progresso funciona apenas através dos motores do mal. Tanto a história coletiva como a individual oscilava quanto a sofrer ou fazer sofrer e, ao final do estudo, o médico foi repellido por seus pares porque suas conclusões previam quais países seriam os algozes e quais as vítimas na continuação desse sistema. Busbeck concluía que o terror ainda não terminou.

A voz feminina silenciada pela barbárie

Desde que o conflito teve início, a mulher passou a ser percebida como objeto do homem que partiu, que merece ser violado. “Os homens que são mais fortes entram para o exército, os homens que são mais fortes violam as mulheres que ficaram para trás, as mulheres dos inimigos que fugiam” (TAVARES, 2007, p. 9).

A violência ocorre a todo o momento, e enquanto os homens são mortos, as mulheres são violentadas no meio da rua sem a menor chance de defesa.

Um soldado de rosto muito vermelho baixa as calças masculinas fortemente contra o chão. Fortemente as mãos tiram o vestido, como se os cortinados fossem arrancados e mostrassem uma anatomia em estado raro: seios de tamanho grande que tremem. O homem tem o rosto ainda mais vermelho e o pênis também vermelho. Matéria vermelha fornicava longamente uma mulher fraca (TAVARES, 2007, p. 9).

Contudo, a necessidade de sobrevivência gera a transformação. A mulher que não quer morrer precisa se fortalecer, enquanto os “seus” homens não retornam da mata, e para isso, é necessário desenvolver a própria maneira de resistir. Como o pressuposto da evolução das espécies, não é o mais forte que sobrevive, mas o que melhor se adapta, e somente através da astúcia poderá se tornar apta ao domínio, como ocorre com Herthe que se torna a abastada herdeira do império Leo Vast. As que não conseguirem evoluir, acabarão perecendo, como ocorre com Johana.

Herthe era a prostituta que entregava os foragidos aos policiais, mas não era uma iniciante ingênua. Simulava ser manipulada pelos militares, enquanto criava estratégias, ganhava privilégios, conquistava seu lugar, até conseguir um excelente casamento, tornando-se, uma mulher respeitada e bem-sucedida. A ex-prostituta conduziu o marido para a

morte, ao mesmo tempo em que não permitiu que o irmão fugisse novamente. Tudo foi planejado pela força feminina incomum naquele contexto.

“Ninguém escapa à lógica econômica. Os ganhos, as perdas, o lucro. Poderá a tua moeda ser estranha — o teu corpo, por exemplo — mas é moeda: utensílio de troca” (TAVARES, 2007, p. 82). Ainda que tenha atingido seus objetivos, o preço que pagou por isso foi bastante caro, pois todas as opções de sobrevivência passavam pelo abuso do corpo feminino. “A brutalidade instalou-se e já não magoa ninguém.” (TAVARES, 2007, p. 48). O tom irônico do narrador torna a situação ainda mais desconcertante. A percepção e a “memória são muito diferentes quando tens de combater” (TAVARES, 2007, p. 29).

Johana também teve a sua vida desfeita em função das reviravoltas que a guerra efetuou. Em relação à sua intimidade, primeiramente vivia feliz com Klaus até que foi estuprada por Ivor, e seguiu por sete anos sob a sua proteção e dependência. O oficial que ‘frequentava Johana’ já não necessitava levar outros soldados consigo, pois seus colegas respeitavam ‘isso’ e Johana também, afinal não tinha opções. “A vergonha ocupa menos espaço que o medo” (TAVARES, 2007, p. 11).

No início, Ivor pareceu preocupado em auxiliar mãe e filha a se recuperarem dos abalos provocados pela guerra (e por ele mesmo), mas com o tempo, desinteressou-se da amante, diagnosticou-a como louca, e desde esse dia, nunca mais se viram. Johana que trocou a clausura de sua casa pela solidão do Hospício Georg Rosenberg, arrasta os seus dias solitária, mas na “guerra a dor diminui bruscamente de valor” (TAVARES, 2007, p. 45).

O silêncio dos loucos: entre a memória e o esquecimento

Como definir a loucura? Fuga da realidade? Manias e obsessões definiriam a (in)sanidade? Catharina, mãe de Jo-

hana, é considerada louca por suas atitudes descabidas, mas evidencia uma interpretação sensata ao querer interferir nas máquinas que causam o desastre. Ela queria consertar os tanques, fazendo-os rebentar para dentro, a tentativa alienada de alcançar sua meta com a ponta de uma agulha quente, manifesta o seu anseio racional em acabar com a guerra.

No segundo romance da tetralogia, a brutalidade do mundo exterior faz com que Joseph Walser se isole no seu mundo interior, no seu trabalho na fábrica e no universo secreto de sua coleção, composta por mais de cinquenta prateleiras com objetos catalogados e etiquetados, todos com menos de dez centímetros de altura, largura ou comprimento, sem nenhuma utilidade, mas com grande valor afetivo. É uma fixação que leva-o para o ambiente da calma e da alegria, pois segundo Freud, é comum que o ser humano, muitas vezes, “[...] se agarre aos seus objetos e obtenha a felicidade a partir de uma relação afetiva com eles.” (FREUD, 2010, p. 73). Felicidade esta que não encontra no seu cotidiano. Ao deparar-se com um homem morto no meio da rua, Joseph não percebe o cadáver como seu semelhante, seu olhar se volta apenas para a fivela do defunto que poderia ampliar o seu hobbie.

Por outro lado, é em *Jerusalém* que o silêncio dos insanos será rompido. O protagonista é o legitimado psiquiatra Theodor Busbeck. Apesar de conhecer os comportamentos de uma mente que fugia aos padrões de normalidade, resolveu se casar com sua ex-paciente Mylia. No oitavo ano de casamento, ela ficou mais agressiva e foi internada no mesmo hospício de Johana. Quando o médico percebeu sua incapacidade de curá-la, livra-se dela como a um objeto danificado.

Jerusalém descreve os pacientes do Hospício Georg Rosenberg, o mais conceituado hospital psiquiátrico da cidade, cuja prática médica principal era conhecer os pensamentos do paciente na tentativa de prever o seu comportamento e controlar o indivíduo. O diretor Gomperz queria manipular

as lembranças e os esquecimentos dos sujeitos, que sem liberdade de pensar, agir e transitar, poderiam ser considerados inofensivos. “Se eu me esquecer de ti, Jerusalém, que seque a minha mão direita” (TAVARES, 2011, p. 154).

Se os pensamentos são precedentes dos atos, ao roubar a reflexão dos insanos, Gomperz os desumanizava. Para o diretor, a loucura se relacionava com a imoralidade. “Louco é o que age imoralmente e louco ainda é o que agindo moralmente pensa de modo imoral. A loucura seria, assim, uma pura falta de ética, momentânea, porventura, e portanto curável, ou definitiva, eterna, e portanto: incurável” (TAVARES, 2011, p. 95). Segundo Foucault (2008), esta exclusão nos remete às práticas disciplinares que visam a docilização dos corpos, que deve se tornar submisso, manipulável, treinado a obedecer, e conseqüentemente invisíveis, pois não ganham visibilidade neste jogo de poder:

por um lado, a vontade doente, que podia muito bem permanecer incompreensível, já que não se exprimia em nenhum delírio, produzirá à luz do dia seu mal pela resistência que oporá à vontade reta do médico; e por outro lado, a luta que se estabelece, a partir daí, se for bem conduzida, deverá levar à vitória da vontade reta, à submissão, à renúncia da vontade perturbada. Um processo, portanto, de oposição, de luta e de dominação (FOUCAULT, 1997, p. 48-49).

Foi no hospital psiquiátrico que Mylia conhecera Ernest e, apesar da vigília que o hospício impunha, estabeleceram relações sexuais na frente dos demais. O orgulho ferido do Dr. Busbeck o leva a autorizar o isolamento de Mylia por um ano, enquanto pede o divórcio e descobre que ela está grávida do outro. Após o nascimento de Kaas, ela é esterilizada sem o seu consentimento e, a partir de então, decorrem várias cirurgias com o diagnóstico de morte iminente que não se concretiza. E frente ao desespero da dor, a busca por uma solução nem sempre é racional, como a necessidade de en-

contrar uma igreja aberta às quatro horas da manhã para tentar aliviar sua aflição.

Mas nem todos os loucos estão enclausurados no Georg Rosenberg, somente aqueles que tem dinheiro para garantir as mensalidades que domesticam seus habitantes. Hinnerk não era louco, como militar no período da guerra, tornou-se um. Com a razão e a emoção desajustadas, nada é compreensível ou justificável. “Olheiras quase de animal nocturno eram a marca essencial daquele rosto” (TAVARES, 2011, p. 60).

Da guerra, herdara a sua pistola e o medo constante, que o colocava em interminável sentido de alerta, jamais descansava, sempre em estado de tensão. Segundo Freud (2012), o sofrimento contempla três conjunturas:

a partir do próprio corpo, que, destinado à ruína e à dissolução, também não pode prescindir da dor e do medo como sinais de alarme; a partir do mundo externo, que pode se abater sobre nós com forças superiores, implacáveis e destrutivas, e, por fim, das relações com os outros seres humanos (FREUD, 2012, p. 63).

Hinnerk passa por todos estes estágios, com seu medo paranoico, o seu mundo pós-guerra totalmente desestruturado e o pavor que provoca nas pessoas que o veem e se distanciam, como um Frankenstein contemporâneo. O ex-militar apresenta apenas um dos motores em funcionamento, o “do bem” já entrara em colapso há muito tempo.

Palavras finais

De acordo com Walter Benjamin (apud SELIGMANN-SILVA, 2009, p. 276) “nunca existiu um documento da cultura que não fosse ao mesmo tempo um [documento] da barbárie”. *O Reino* retrata a ruína causada pelo desejo de poder impulsionado pela violência e desconstrói a imagem do ho-

mem racional e benigno, e dessa forma, cumpre com as intenções de seu autor, em levar à reflexão das ações e reações do homem em posições limítrofes.

No entanto, apesar do aniquilamento apontado pela narrativa, ainda assim, ela permite o olhar para a alteridade: o outro, inferiorizado, se faz ouvir frente ao antagonismo propagado pelo seu sofrimento. Até mesmo Lenz Buchmann, o último protagonista da tetralogia, criado pelo pai, militar grosseiro, que o incentivou a dominar a tudo e a todos, e que o ensinou o deleite ao humilhar alguém, necessita do olhar do semelhante, para se sentir reconhecido. Por fim, ele morre fadado ao esquecimento de si mesmo e de todos.

Contudo, a tetralogiatambém evidencia a duplicidade entre o individualismo e a necessidade do outro. “Ajo para mim, atuo como se vivesse em frente ao espelho. Egoísmo, ou afinal, boa economia dos impulsos” (TAVARES, 2011, p. 12). Cada personagem é independente, mas necessita de alguém que o fortaleça. Em *Jerusalém*, todos estão a procurar algo durante a madrugada. Mylia procura uma igreja. Ernst procura Mylia. Theodor procura uma prostituta e encontra Hannah que também buscava clientes. Kaas procura pelo pai. Todos enfrentam a noite fria e escura, algo que não está totalmente definido, que não é plenamente consciente. Busca-se o outro e a si mesmo.

Referências

ADORNO, Theodor W. *Consignas*. Trad. Ramón Bilbao. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1973.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e holocausto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BRITO, Sandra Beatriz Salenave de. Algumas notas sobre o processo criativo de Gonçalo M. Tavares. *Nau Literária*, Porto Alegre, v. 10, n. 1, jan.-jun. 2014. Disponível em:

<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/46940/30161>.

FARIA, Ângela Beatriz Carvalho. A grande barbárie é a infidelidade do homem à sua própria humanidade — a propósito de Jerusalém. In: *Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC*, São Paulo, 2009. Disponível em <http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/001/ANGELA_FARIA.pdf>.

FREUD, Sigmund. *O mal estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 35. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Resumo dos cursos do Collège de France: 1970-1982. Trad. Andrea Daher. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

MELLO, Ramon; TAVARES, Gonçalo M. *Literatura como projeto de vida*. Disponível em: <http://www.saraivaconteudo.com.br/Entrevistas/Post/10333>. Acesso em: 30 abr. 2014.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A escritura da memória: mostrar palavras e narrar imagens*. São Paulo: *Remate de Males*, 26(1), jan./jun. 2006. Disponível em www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Estética e política, memória e esquecimento: novos desafios na era do Mal de Arquivo. São Paulo: *Remate de Males*, 29(2), jul./dez. 2009. Disponível em: revisitas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/download/873/1101.

TAVARES, Gonçalo M. *Um homem*: Klaus Klump. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

TAVARES, Gonçalo M. *A máquina de Joseph Walser*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TAVARES, Gonçalo M. *Jerusalém*. 1. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

TAVARES, Gonçalo M. *Aprender a rezar na Era da Técnica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

VICTOR, Fábio. Entrevista de Gonçalo M. Tavares a Folha de São Paulo. *Português Gonçalo M. Tavares fala sobre maldade, Saramago e o Brasil* em 17/07/2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/767901-portugues-goncalo-m-tavares-fala-sobre-maldade-saramago-e-o-brasil.shtml>. Acesso em: 20 ago. 2013.

[Recebido: 11 set. 2015 — Aceito: 8 nov. 2015]